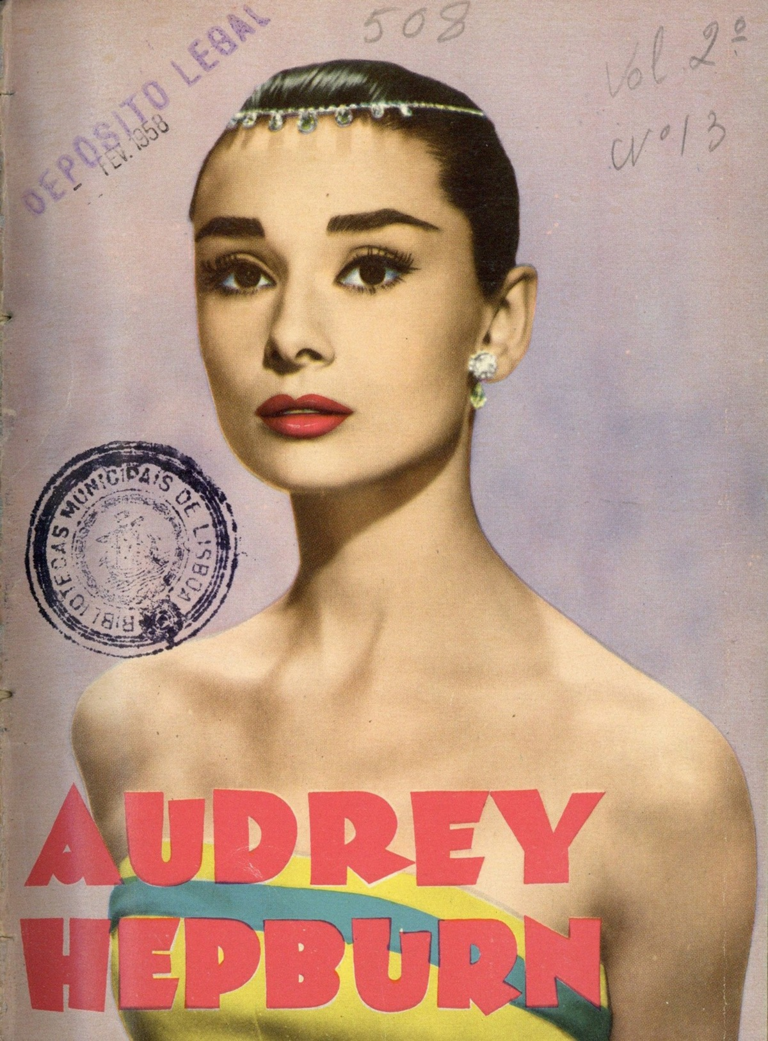


AUDREY HEPBURN

DEPOSITO LEGAL
FEV. 1958
508
Vol. 2º
nº 13
BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

DEPÓSITO LEGAL

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 13)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 —

A mais amorosa e cativante de todas as vedetas:

AUDREY HEPBURN

EDDA Hepburn van Hemstra, a deliciosa Andrey Hephurn que o mundo inteiro admira, é filha de mãe holandesa e de pai inglês. Nasceu em Bruxelas no dia 4 de Maio de 1929. A sua primeira infância decorreu no plácido ambiente de uma família abastada de prestigiosa estirpe. A mãe de Edda, a baronesa van Hemstra, estava ligada à mais alta aristocracia holandesa. Ainda com tenra idade, a filha adquiriu assim, os encantadores modos que, na opinião de quantos a conhecem, constituiem hoje um dos seus principais atractivos.

A despeito de ter pouca semelhança física com sua mãe, Andrey Hepburn demonstrou, desde muito cedo, ter herdado o espírito combativo, a força de vontade e a tenacidade inquebrantável que ainda hoje caracterizam a baronesa van Hemstra. Daí o triunfo que Audrey encontrou na difícil vida das estrelas do cinema.



A RAPARIGA QUE PERSONIFICA O TRIUNFO DO ENCANTO SOBRE A BELEZA!

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA



A segunda guerra mundial surpreendeu a pequena Andrey, que contava então doze escassos anos de idade, na localidade de Arnhem, na Holanda. Ela tinha ido visitar os tios. Certa noite, encontrava-se a brincar com as primas junto do receptor de rádio, quando a voz do locutor, demasiado grave, chamou a sua atenção. Ao ouvir a notícia da declaração de guerra da Alemanha à França, correu ràpidamente para junto da mãe.

— Mamã... O rádio anunciou que a guerra rebentou e que se teme uma invasão do país pelos alemães...

— Desta vez a coisa é grave, minha filha.

— Vamos regressar já à nossa casa, mamã?

— Não sei. Vou consultar os teus tios. Talvez seja melhor que esperemos os acontecimentos na sua companhia.

— Mamã! — suplicou a menina. — É verdade que ninguém escapará à guerra?

— Quem te disse tal coisa, filha? Não penses nisso... Deus velará por nós.

A Holanda não tardou a ser invadida pelos alemães. Audrey e sua mãe não tiveram outra alternativa senão permanecer ali enquanto durou a conflagração.

Na memória da pequena Audrey ficaram gravadas para sempre as visões apocalípticas da guerra: filas intermináveis de homens armados desfilando pelas pacíficas ruas da pequena cidade holandesa, procedidos por divisões de ambulâncias, tractores arrastando os enormes canhões antiaereos e antitanques, camiões blindados e um nunca mais acabar de engenhos de morte e destruição.

De quando em quando, passavam, velozes, os carros ligeiros em que viajavam os oficiais do Estado Maior. Ao vê-los Audrey sabia que se aproximava uma ofensiva ou que estava ameaçado qualquer posto estratégico, com falta de homens e material. Sabia também que caíriam bombas inimigas sobre as ridentes campinas e as brancas estradas holandesas. Passada a batalha, recomeçavam outra vez as intermináveis procissões de veículos de todos os géneros, cruzando o país de lés-a-lés, e perdendo-se na desolação infinita das estradas poeirentas.

Nas povoações ficavam vestigios cruéis dos combates na frente. Casas destruídas, fendas horríveis que ameaçavam desmoronar prédios inteiros, vigas retorcidas, ruína e desolação por toda a parte...

E, certo dia, à casa da pequena Edda, chegou uma ordem do comando invasor.

— Que sucedeu, mamã? — perguntou Audrey, intrigada, ao ver entristecer-se o rosto da sua progenitora.

— É a ordem de mobilização do teu irmão.

— Mas ele é muito novo para ser soldado...

— Mobilizam-no para trabalhos agrícolas. Esperemos que nada de mau lhe suceda...

Lágrimas rebeldes resvalaram pelas pupilas da pequena Edda. A baronesa conteve as suas e abraçou-a com toda a força.

Depois do recrutamento do irmão de Audrey, na castigada cidade ficaram apenas a mãe e a filha. A família da baronesa van Hemstra havia ficado totalmente arruinada e não pôde socorrer as duas mulheres que, sós e sem recursos, tiveram que fazer fren[te] à milagrosas. Foi então que a mãe de Audrey demonstrou toda a força da integridade do seu caracter. Com a sua habilidade e o seu sentido prático da vida, pôde afrontar a terrível tragédia que representava para si a separação dos entes queridos, tendo apenas a companhia de uma criança que precisava de cuidar e de alimentar, apesar de não receber qualquer auxílio do exterior.

Audrey recorda hoje com um sorriso doloroso aqueles duros tempos de guerra. E afirma:

— Desde aquela época, não acredito nos perigos de uma dieta excessiva.

À ESQUERDA: Quando a segunda guerra mundial rebentou, Audrey contava apenas 12 anos, e a invasão que vitimou o seu país — a Holanda — impressionou profundamente a sua sensibilidade.



À DIREITA: Na memória da pequena Audrey ficaram gravadas para sempre as visões apocalípticas da guerra.

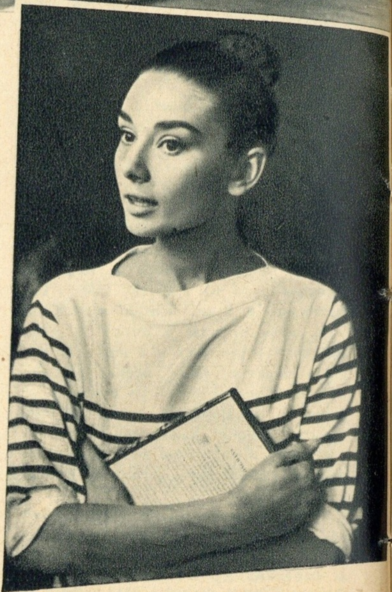


Audrey nunca desprezou a ginástica e os exercícios físicos. Apesar de extremamente magra e de a sua saúde ter periclitado várias vezes, em consequência das privações sofridas durante a guerra, ela é hoje uma mulher saudável e desembaraçada.

Havia dias em que nada tínhamos para comer. Uma refeição completa era uma utopia. A nossa alimentação diária consistia numa sopa, uma fatia de pão, batatas e uma maça).

A pequena Edda, como tantas outras crianças holandesas, chegou a passar dias inteiros sem conhecer o gosto de uma fatia de pão. E teve de enfrentar os perigos de um crescimento rápido como o seu, sem poder alimentar-se com leite, manteiga, legumes ou frutas.

Quando o exército alemão ficou de posse do país, a sua compleição física era bastante fraca. Os médicos encontraram-na tão magra que lhe impuseram um severo regime de sobrealimentação para superar os perigos da desnutrição e salvar-lhe a vida.



Durante a resistência aos nazis, ela revelou-se como uma combatente de extraordinária coragem. A despeito da sua tenra idade, teve ocasião de dar a todos quantos a conheciam os mais belos exemplos de dedicação pela pátria.

Entretanto, na rectaguarda holandesa a quinta coluna multiplicava as suas actividades.

Certa tarde, quando Edda brincava no jardim, viu aproximar-se a mãe, com os olhos prestes a rebentarem em lágrimas. Sem dizer uma palavra, a baronesa levou a filha para o interior da mansão e ali estalou em pranto. Edda soube então que um primo de sua mãe tinha sido acusado de actividades subversivas e condenado à morte. Tinha sucumbido também um tio de Edda, acusado de quinta-colunista.

Estes trágicos acontecimentos deixaram profunda marca na pequena Audrey Na idade em que as crianças vivem felizes e não pensam senão em brincar e em divertir-se, a pequena refugiada tinha passado pelas mais amargas experiências da vida, adquirindo uma precoce maturidade. Os riscos da vida diária, unidos às desgraças que atingiram os seus parentes e amigos contribuíram para lhe dar a força de vontade e o espírito combativo que conduzem ao triunfo. Quanto distantes estavam daqueles trágicos dias de guerra, as alegres jornadas escolares em Bruxelas. Agora, era tudo desolação à sua volta. Desolação e lágrimas. Filas de prisioneiros, campos de concentração, fuzilamentos, prisões, fichas domiciliárias.

Toda a série dos horríveis acontecimentos bélicos, estava impressa na sua mente. Audrey demonstrou então a sua têmpera corajosa e activa, entregando-se à causa patriótica da quinta coluna. Nas suas idas para a escola, distribuía secretamente propaganda impressa e, com grave risco da sua vida, levava mesmo assim alimentos a dois pilotos aliados que permaneciam ocultos enquanto não era possível repatriá-los. Ninguém reparava nem suspeitava da pequena colegial que, muitas vezes, levava ocultas nos seus sapatos mensagens secretas para elementos da Quinta Coluna.

★

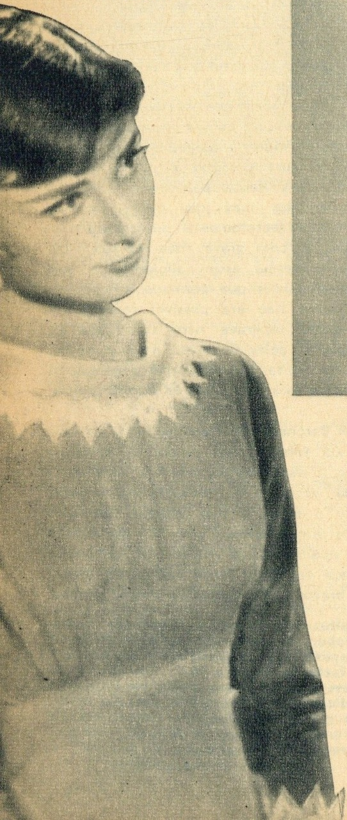
A Baronesa van Hemstra havia enviado a sua filha a uma escola de baile de 1940. Descobrira na pequena uma decidida vocação e relevantes qualidades para o ballet e não poupou sacrifícios para que recebesse uma boa preparação As qualidades de Audrey no campo da dança serviram desde logo para ajudar os bravos combatentes da Quinta Coluna.

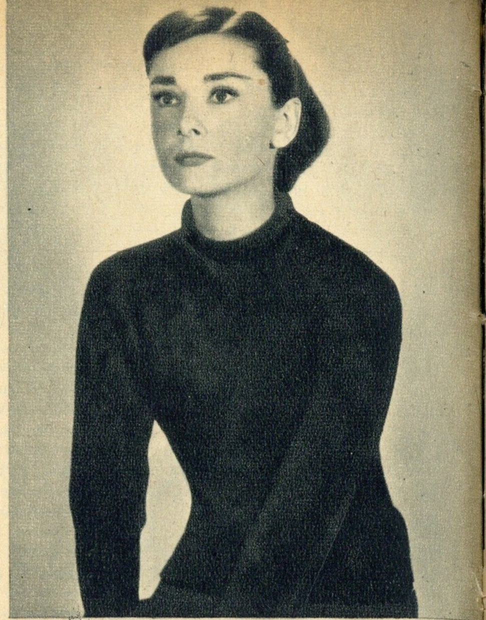


Muitos pensam que o triunfo de Audrey Hepburn se deve aos caprichos da sorte. E apontam, para justificar a sua opinião, o facto de Colette tê-la descoberto por mero acaso. Aos que perfilham tal crença, dedicamos esta fotografia, uma das milhares que podiam ter sido tiradas durante os anos em que ela se dedicou, com perseverança e tenacidade, ao estudo dos segredos da sua profissão.

Fora do trabalho do estúdio, Audrey nunca deixou de ser a rapariga simples, ingénua e cativante que o público se habituou a julgá-la através dos seus filmes.

E, no entanto, houve passagens na vida de Audrey que chegariam, por si só, para moldar um temperamento pessimista e um coração descrente da alegria de viver.





Celebravam-se nalgumas casas particulares récitas de beneficência destinadas a recolher fundos para a Quinta Coluna. Audrey participava como uma das principais atracções. A mãe preparava-lhe os vestidos para a representação, utilizando velhos cortinados e escassas roupas e adornos. Com a sua encantadora personalidade, a menina conseguia arrancar entusiásticos aplausos da assistência.

Não obstante, estas «Récitas Negras», como as chamavam, eram um perigo constante para quantos actuavam ou assistiam a elas, uma vez que incorriam na possibilidade de ficarem com uma ficha na polícia secreta.

Qualquer denúncia ou suspeita teria levado a polícia a prender a criança. A despeito de tudo, Audrey, alheia ao perigo continuava a oferecer às «Récitas Negras» as suas interpretações de ballet clássico, cruzando o improvisado cenário na figura de um cisne alado. Se erguia a cabecita, por vezes, julgando ouvir fortes pancadas na porta ou os passos de uma patrulha soando na rua, ninguém, entre o público, se apercebia dos seus receios.

Audrey chegou ao fim da guerra trazendo sempre impresso, no rosto e na alma, o espectro dos horrores passados. Foi enviada a Inglaterra, onde a submeteram a um severo regime de recuperação. Os médicos duvidavam poder salvar aquela rapariga extenuada, que chegara ao limite de sua resistência física após longos anos de privações.

Audrey, porém, não sòmente se salvou, como também recomeçou as suas actividades artísticas. Assim, em 1948, deu entrada na companhia de ballet Rameart.

★

Um ano depois, conseguiu um emprego no Teatro Cambridge de Londres. A baronesa não estava de acordo com a nova ocupação da filha, mas Edda conseguiu convencê-la com os seus lógicos argumentos.

— Já sei que é um emprego



Audrey é a antítese perfeita das «bombas anatómicas» que têm em Sophia Loren ou em Jayne Mansfield os seus dois grandes pólos de atracção.



Eis uma das raras fotografias de Audrey com sua mãe, a baronesa Van Heemstra. Há muitos anos que Audrey não tem pràticamente contacto com o pai, o negociante irlandês J. A. Hepburn-Ruston, em consequência do divórcio que pôs termo à vida em comum dos seus progenitores.

obscuro e mal pago o de bailarina de conjunto. Mas a nossa situação é difícil e precisamos de assegurar a nossa subsistência.

— Talvez tenhas razão, minha filha... Mas não pensaste ainda que és muito jovem e...

— Não insista, mamã... Recordarei sempre os teus conselhos.

Na realidade, era um emprego obscuro e mal pago, mas era também o primeiro passo na luta por uma vida melhor. Pouco depois, Audrey pôde actuar simultâneamente na televisão, em pequenos papéis secundários, o que a ajudou a suportar melhor as dificuldades daqueles dias.

A actuação de Audrey no Teatro Cambridge não passou despercebida apesar de participar apenas nos bailes de conjunto, na companhia de várias dezenas de outras raparigas. A revista em cena procurava o seu secesso através da beleza das suas «vedetas». Nas últimas filas do conjunto de anónimas bailarinas, a jovem Andrey conseguia sobressair pela sua elegância, graça e personalidade. O seu nome não tardou a figurar no cartaz, em letra de tipo reduzido e na última linha. Era o primeiro passo decisivo para a sua meteórica carreira artística e a sua fama internacional.

O teatro Cambridge pôs outra revista em cena, com Audrey ainda no modesto papel de corista. Mas a irrequieta jovem ansiava já por um campo mais amplo para as suas actividades.

— Mamã — disse Audrey, certo dia. — Creio que o meu futuro está no cinema. Verás que ainda hei-de ser uma grande estrela.

— Não te iludas demasiado, minha filha...

Alta, excessivamente fina, mas flexível, de uma educação refinada e de uma elegância natural, a jovem Audrey pôde abrir ràpidamente caminho na arte das imagens. As suas relevantes qualidades físicas e artísticas permitiram-lhe intervir, embora em papéis de escassa importância, em 3 filmes ingleses, num dos quais teve uma humorística cena romântica com o famoso actor Nigel Patrick.

Quando no cinema privativo do estúdio se projectou o filme pela primeira vez, Audrey não pôde conter a sua decepção. A sua curta intervenção ao lado de



Foi um irlandês, Edward Quinn, quem primeiro soube aproveitar a esplêndida fotogenia da adorável actriz. Graças a uma série de retratos da autoria de Quinn, Audrey pôde ser chamada a prestar provas em Hollywood.



A Paramount contratou-a para personificar em «Férias em Roma» uma espécie de princesa Margaret. Audrey revelou-se então a «princesa do encanto», que, de facto, era. E o filme, graças ao seu trabalho, alcançou fulminante êxito.

Nigel Patrick não era de molde a animar uma aspirante a estrela, que revelava demasiadas ambições para os seus conhecimentos técnicos. Era a primeira vez que Audrey se via no «ecran» e o efeito não podia ser mais decepcionante.

— Se ao menos me permitissem repetir a cena! — murmurava a jovem. — Fá-la-ia melhor, tenho a certeza. Estou tão mal, tão mal... — repetia com a sua vozinha trémula e as lágrimas nos olhos. — Não creio que não possa ser actriz!

Um ano mais tarde, o director do pessoal dos estúdios A. B. C. de Elstree, telefonava à secção de publicidade da mesma produtora, dizendo:

— Mando-lhes uma rapariga chamada Audrey Hepburn. Trabalhou apenas em três filmes, mas com papéis insignificantes. Creio nas suas possibilidades. Tenho fé de que pode fazer algo aproveitável. Em resumo, contratei-a. Falem com ela, observem-na e digam-me a vossa opinião.

Naquele dia, ao entardecer, penetrava Audrey na secção de publicidade. O pessoal que ali trabalhava e que havia de decidir do futuro da novel actriz, era constituído por sensatos e experientes homens de cinema, para quem a beleza, sem outras qualidades a secundá-la não oferecia garantia de êxito. Na sua opinião, uma rapariga com acentuadas qualidades de representação e uma personalidade vincada, podia substituir com vantagem qualquer vencedora de concursos de beleza.

Quando a gentilíssima Audrey penetrou na sala, a primeira impressão do pessoal não foi muito favorável. Tratava-se de uma rapariga excessivamente alta e delgada, de boca demasiado grande, pernas secas como paus, peito reduzido, nariz longo e dentes defeituosos.

Um dos presentes lembrou-se de a ter visto entre as coristas da revista do teatro Cambridge e, sem grande convicção, pousou friamente os seus olhos analíticos sobre a jovem. Conforme as exigências do estúdio, as possibilidades de uma futura estrela deviam medir-se segundo a quantidade de «sex-appeal» e outros atractivos físicos antes de estudar o seu valor artístico. Não obstante, teve de render-se à evidência de que a consciente preparação artística da jovem Audrey, e especialmente a sua aprendizagem de «ballet», a tinham dotado de uma evidente elegância, de uma graça insuperável a caminhar, a mover-se ou a falar. A sua voz, quando falou, revelou-se de uma surpreendente riqueza de matizes.

Depois das apresentações, a rapariga sentou-se consciente do exame de que era objecto. Não possuía, na verdade, a atracção meramente física que requere uma «estrela» de primeira grandeza para triunfar na tela, mas possuía algo mais subtil, mais atractivo e encantador. O seu porte

Audrey não perdeu a cabeça, nem o talento, quando os estúdios passaram a disputá-la, oferecendo-lhe vantajosos contratos de longo prazo. Com a sua simplicidade de sempre, olhava-se ao espelho e dizia: — «Fui sempre feliz e não preciso de mais honrarias»...





Poucas vezes o cinema terá reunido um par tão cativante e sugestivo como o foram Gregory Peck e Audrey Hepburn em «Férias em Roma». E poucas vezes, também, o amor terá encontrado dois intérpretes com tão incisivo poder de expressão e com tanta graça, poesia e fino sentido de humor...



Eis duas imagens inesquecíveis de um filme que jamais esquecerá: «Férias em Roma».



correcto, a sua naturalidade e simpatia, e a sua inata elegância, impunham-se de tal modo que ninguém dava pela falta de outros encantos. Possuia uma enorme vivacidade, um olhar ingénuo e um encanto pessoal até então desconhecido entre as «estrelas» inglesas. Além do mais, sabia realçar as suas possibilidades. Os seus belos olhos cor de amêndoa estavam pintados com subtileza, e o seu singular corte de cabelo, que mais tarde seria adoptado pelas mulheres de todo o mundo, tornavam-na extraordinàriamente atraente e original.

Os agentes publicitários do «ABC» admitiram que a gentilíssim «estrela» possuía raras qualidades e estofo para actriz, e que as suas ligeiras imperfeições, longe de lhe tirar encanto, contribuiam para destacar a sua original personalidade. Passaram, assim, a estudar os termos em que estava redigido o contrato, já assinado nos escritórios de Londres, e de novo ficaram desorientados. As cláusulas do mesmo não tinham precedentes. Audrey comprometia-se a interpretar o mínimo de um filme por ano; em troca, o contrato concedia-lhe o privilégio de aprovar ou rejeitar o argumento, se-



gundo o seu critério. Nunca tinham sido concedidas a uma obscura principiante tais prerrogativas, o que causava espanto e, ao mesmo tempo, punha em relevo a sagacidade de Audrey para os negócios e a sua confiança no futuro.

— É realmente assombroso que uma actriz tão jovem tenha conseguido um contrato semelhante.

— Tenho fé em mim própria e nas minhas possibilidades...

— Mas é preciso uma larga experiência e muito saber técnico para compreender as possibilidades de um guião e julgar de antemão se se coadunará com o seu temperamento.

— Quem melhor do que eu poderia conhecer o alcance das minhas possibilidades?

Sim, Audrey era ambiciosa. Era-o desde o primeiro dia em que começara a sua dura luta para abrir caminho no cinema.

As suas palavras firmes, meditadas, sem sombra de vaidade, produziram excelente impressão entre os seus futuros companheiros de estúdio. Uma única entrevista bastava para conquistar a sua simpatia e atrair a sua amizade e apoio. Concordaram todos em que era preciso ajudá-la a realizar os seus sonhos.

Um dos presentes, Roger Railton, que desde então seria um dos seus mais sinceros e apreciados amigos, necessitava do concurso de uma das novas «vedetas»

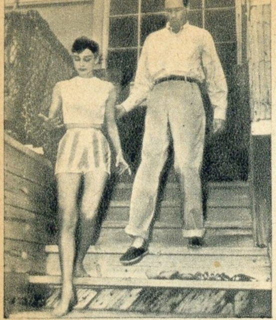
Na capital inglesa, Audrey travou conhecimento com o jovem multimilionário Jimmy Hauson. Mas este breve «flirt» não passou de um delicioso sonho.



No seu segundo filme, «Sabrina», Audrey consolidou a sua reputação de actriz excepcional. A crítica foi unânime em render-lhe os mais rasgados encómios, esquecendo-se até da presença de dois actores, dos maiores entre os grandes de Hollywood: Humphrey Bogart e William Holden.



AS FERIAS DE UM CASAL FELIZ



Esta é a casa que Audrey e Mel alugaram ao realizador Anatole Litvak, em Malibu Beach.

Audrey Hepburn e Mel Ferrer, que viajam pelo mundo como um verdadeiro par de discos voadores, passaram últimamente algumas semanas de repouso e evasão na praia de Malibu, na Califórnia.

Depois de uma curta permanência em Paris, onde tiveram lugar as filmagens de «Cinderela em Paris», Audrey voou para a Califórnia. E depois de completar em Hollywood as sequências de dança e canto deste maravilhoso filme musical em que trabalha ao lado de Fred Astaire, ela e o marido alugaram ao director Anatole Litvak a sua casa de praia para umas merecidas férias.

Mas quando Audrey, ocupada com ensaios, não pode dispor de muito tempo livre, Mel leva-a para ali, a fim de ambos se recuperarem do esforço resultante do trabalho consecutivo nos estúdios, e passam assim felizes fins de semana, ora na praia, ora em pequenas excursões a Palm Springs e Las Vegas.

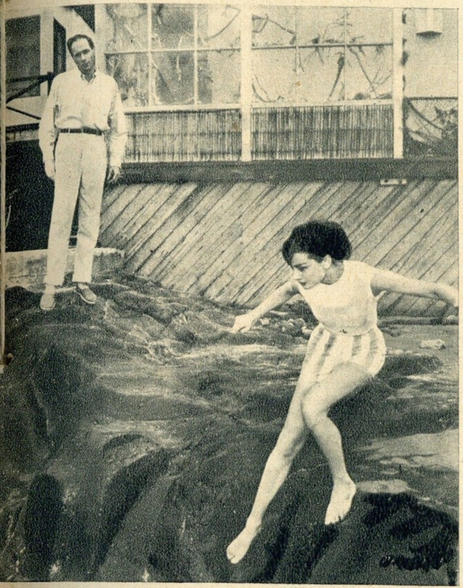
Se bem que o trabalho de ambos os leva a todas as partes do mundo, Mel e Audrey procuram estar juntos todo o tempo possível. E têm sido bem sucedidos, porque Audrey diz sempre: — «Tenho uma boa profissão e um casamento feliz».



Mel estende uma mão protectora a Audrey, não vá ela cair... E como é fraquinha...



Ele dá-lhe alguns conselhos para vencer os obstáculos.



Descalça, Audrey aventura-se cautelosamente



Quando as rochas revelaram ser um piso precário, Mel, como bom marido, resolveu proteger Audrey, até chegarem a um porto seguro...



Quando Audrey trabalhou em Hollywood, ninguém pôde esquivar-se ao seu extraordinário magnetismo pessoal. Houve boatos de que muitos dos galãs consagrados, como Gregory Peck e Kirk Douglas, tinham caído nas malhas do seu encanto. Hoje, porém, parece definitivamente assente que Audrey se limitava a ser apenas uma companheira amável. Eis uma imagem que abona a favor desta opinião: Audrey espremendo um limão no almoço de William Holden.

do «ABC» para honrar com a sua presença o baile anual da polícia londrina.

Roger chamou-a, falou-lhe do baile e pediu-lhe a sua colaboração.

— Audrey: É um costume tradicional nos estúdios a cedência de uma das suas «estrelas» para marcar presença neste género de festas. Geralmente, escolhem-se «estrelas» jovens, porque uma actriz de primeira grandeza não condescende em aceitar tais convites. Trata-se de festas reservadas para «estrelas» principiantes, que anseiam publicidade e necessitam dar-se a conhecer entre o público. Propus aos meus companheiros do departamento de publicidade a sua escolha para assistir ao baile da polícia.

Mas, contra o que os seus amigos esperavam, a primeira reacção de Audrey foi de sobressalto e temor.

— Julgam, realmente, que sou a mais indicada? — perguntou, inquieta. — Poderei satisfazer as condições exigidas?

— Naturalmente, Audrey. Basta marcar a sua presença e deixar-se admirar.

— Mas nunca assisti como única convidada de honra, a uma festa de sociedade.

— É uma coisa vulgar. Não se preocupe...

— Como devo comportar-me? Que devo fazer? É obrigatório falar em público? Qual é o trajo que devo levar?

Explicaram-lhe pacientemente que o convite não oferecia dificuldades. Era uma vulgar aparição em público, igual a tantas outras que, por ordem dos estúdios, as jovens «estrelas» se vêem obrigadas a aceitar, para dar realce a uma festa. Deveria pronunciar ao microfone um curto discurso que lhe seria entregue pelo estúdio. Apenas deveria ler o texto, deixar-se fotografar quantas vezes lho pedissem e atender todos com graça e simpatia. Se quisesse, poderia bailar com quem a convidasse...

Apesar da simplicidade de que se revestiam estas obrigações, o nervosismo de Audrey não se acalmou. Pouco antes do baile, ela telefonou ainda aos estúdios, pedindo informações e conselhos. Ao ser-lhe entregue o discurso que deveria pronunciar, decorou-o repetidas vezes, introduzindo-lhe algumas emendas, e telefonou de novo para a secção de publicidade.

— É Mr. Jones?... Sim, sou, Audrey... Crê sinceramente que não preciso de comprar um vestido novo para o baile? Que me aconselha?

— Querida senhora Hepburn. Vá assistir ao baile da polícia motorizada do grupo Hendon. Juro-lhe, por minha honra, que não se trata de uma apresentação no Palácio Real. Esteja pronta daqui a duas horas. Irei buscá-la para a acompanhar ao baile.

Audrey comportou-se admiràvelmente durante a festa, e conseguiu um êxito apoteótico. Conquistou instantâneamente a simpatia e a admiração de toda a assistência e, o que era mais importante, os estúdios ABC aperceberam-se do seu extraordinário valor.

Superado o temor de ser o centro de atracção dos olhares de centenas de pessoas, Audrey readquiriu a sua encantadora naturalidade impondo a todos aquela sedução que é uma das suas características mais predominantes.

Audrey saiu do baile admirada por toda a assistência e desfrutando de uma popularidade que antes não suposera alcançar. A partir daquele dia, Audrey Hepburn tornou-se a «mascote» do grupo de polícia motorizada de Hendon.

★

Desde então, sempre que os estúdios necessitavam de uma «starlet» para motivos publicitários, aparições em público ou convites, Audrey passou a ser a actriz eleita.



De todas as criações de Audrey Hepburn nenhuma se pode comparar à de Natacha, a imortal figura da mulher generosa, combativa e apaixonada, criada por Leon Tolstoi nesse monumento literário sem paralelo que é «Guerra e Paz». Durante meses consecutivos, Audrey dedicou-se a um intenso trabalho de assimilação. Ei-la num momento em que expunha o resultado das suas ideias aos principais responsáveis do filme, entre os quais se vê, à direita, o produtor Dino de Laurentis, o marido de Silvana Mangano. O veterano realizador King Vidor trabalhou com Audrey num regime de frutuosa colaboração, de que viria a nascer uma sólida amizade. Eis uma imagem que assinala a simpatia mútua que uniu a actriz e o realizador.





De todos os beijos que Audrey já deu ao cinema, o mais ardente e apaixonado, o mais impetuoso e selvagem é, sem dúvida, o que trocou com Vittorio Gassman em «Guerra e Paz».

Corria o ano de 1951. Nos estúdios filmava-se «A Lenda das Jovens Esposas». Audrey recebeu um papel secundaríssimo, que não podia resultar brilhante em face da destacada actuação de duas figuras de primeiro plano, no cinema inglês: Joan Greenwood e Nigel Patrick. Mesmo assim, a crítica dispensou-lhe uma referência amável.

Durante as filmagens, os habituais jornalistas e repórteres que frequentam os estúdios cinematográficos em busca de caras novas ou à caça de notícias de sensação, anedotas e material fotográfico, não deixaram de reparar em Audrey, a jovem actriz de quem não sabiam mais do que o nome, mas cuja brilhante personalidade se impunha à sua admiração.

— Aquela jovem — disse um dos jornalistas — nasceu para «estrela»; para «estrela» de primeira grandeza. E desconfio que não lhe faltará muito tempo...

Longe de se mostrar optimista, a jovem não deixava de se lamentar acerca da sua debilidade; da sua figura excessivamente alta e delgada e da sua voz...

— Um dos teus encantos consiste na tua voz — assegurou-lhe um amigo. — Não queiras modificar-te. A tua voz débil, mas rica de matizes, adapta-se maravilhosamente ao teu tipo de beleza exótica. Quanto às imperfeições de que te lamentas, lembra-te que são essas coisas que te distinguem das outras. Sendo diferente, alcançarás a fama com êxito.

★

Audrey, porém, não se sentia satisfeita de si mesma, acreditando que necessitava de se aperfeiçoar mais e mais. Assim, não perdia qualquer ocasião de melhorar o

A maneira como Audrey personificou a figura de Natacha justificaria por si só a invenção do cinema. Na realidade, nunca uma actriz abrira tanto o seu coração, para exteriorizar os mais complexos sentimentos. Eis dois momentos inesquecíveis do filme, com Henry Fonda e Mel Ferrer.





seu estilo, a sua personalidade, as suas inflexões de voz.

Enquanto as outras jovens actrizes frequentavam a alta sociedade e alternavam alegremente o trabalho nos estúdios com as diversões próprias da profissão, comparecendo aos espectáculos da brilhante vida nocturna de Londres, com o objectivo de se tornarem notadas a todo o transe, a estudiosa Audrey empregava todas as suas horas livres nas aulas de canto e baile, aperfeiçoando-se especialmente no «ballet», pelo qual sentia uma acentuada predilecção.

Certas tardes, Audrey passava-as no cinema, estudando atentamente as múltiplas facetas do cinema estrangeiro. Quando alguns dos filmes importados, atraía a sua atenção, não se importava de vê-lo duas ou três vezes, para enriquecer assim os seus conhecimentos técnicos.

O ordenado de Audrey, naquela época, era bastante exíguo. Como morava fora da capital, ía todas as manhãs no autocarro para o Estúdio, levando consigo como almoço, umas ligeiras sandes, para evitar a viagem do meio-dia. Não obstante todas as economias, a renda da casa, onde Audrey vivia

com a mãe, custava-lhe a pagar todos os meses, porquanto, embora pequena, estava situada num dos bairros mais elegantes de Londres. O escasso rendimento de que dispunham não lhes permitia gastar muito dinheiro em roupas, de modo que Audrey calculava e reflectia muito antes de tomar qualquer decisão quanto à compra de um vestido novo. A sua indumentária favorita era, naquela época, umas calças negras ajustadas, um «sweter» de gola alta para ocultar o seu ossudo decote e sapatos sem tacão para não evidenciar a sua altura excessiva.

Os fotógrafos e operadores dos Estúdios de Elestree confessavam que Audrey era a mais fotogénica das jovens estrelas.

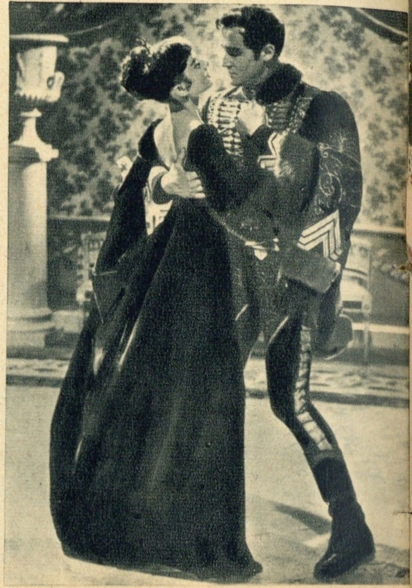
— Essa rapariga é um caso especial — declaravam eles. — Não há ângulo que resulte mal na sua figura. Todas as suas fotografias são magníficas.

A sua riqueza de expressão, as suas reacções perante a câmara, a mobilidade do seu rosto, entusiasmavam o realizador Henry Cass.

— Audrey sabe dizer tudo com o rosto. É maravilhosa.

Em «Guerra e Paz», Audrey dança duas vezes, uma com Vittorio Gassman e a outra com o seu próprio marido, Mel Ferrer. Fá-lo com graça requintada e também com a leveza de um cisne transportado pelo ritmo da música. Talvez o leitor não saiba que a famosa bailarina Marova, sua professora de dança, ainda hoje suspira, inconformada: — «Ela não devia ter entrado para o cinema. Perdemos uma óptima bailarina!»





A sua capacidade de trabalho, o seu denodado empenho em aperfeiçoar-se, a despeito da sua frágil aparência e da sua saúde, não restabelecida de todo, despertou imediatamente a admiração e o afecto dos seus companheiros. Como é natural, esse afecto, essa devotada admiração que os homens lhe manifestavam incondicionalmente, não era repartida pelas mulheres.

As jovens estrelas de Elstree, e até mesmo as actrizes reputadas e de prestígio, viam com alarme e desgosto a rosa que crescia junto aos seus pés e qualificavam de exagerada a publicidade criada à sua volta.

Em certa ocasião, nos estúdios, ofereceram uma festa ao pessoal, a que assistiu Audrey, rodeada, como de costume, por um numeroso contingente de elementos masculinos. Uma das famosas estrelas presentes permitiu-se censurá-la com rudeza:

— Não posso compreender o que certos homens vêem nessa rapariga — disse em tom depreciativo. — É magra e lisa como uma tábua e não tem qualquer sombra de «sex-appeal».

Audrey embora consciente dos ciúmes que a sua popularidade despertava, não deixou transparecer o seu desgosto. Com a sua graça e amabilidade peculiares, soube conduzir a conversação com tão encantadora espontaneidade que a despeitada estrela teve que se declarar vencida.

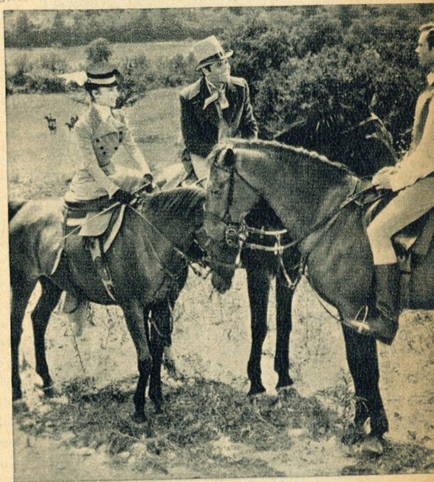
Audrey mostrou-se encantada por tê-la conhecido e ouviu-a falar dos seus êxitos na tela, do filme que estava a interpretar, com interesse e atenção, abstendo-se de dizer qualquer palavra das suas próprias actividades de incipiente actriz.

— É realmente deliciosa! — comentou a estrela, no fim da conversação, ao separar-se de Audrey.

★

As curtas intervenções da jovem nos filmes da A. B. C. sucederam-se entretanto, sem lhe proporcionar a almejada glória. Depois das produções anteriormente citadas, Audrey trabalhou em «O segredo do povo», em que actuava a estrela Valentina Cortese.

No ano de 1952, o famoso chefe de orquestra, Ray Ventura, contratou-a para filmar «Iremos a Monte Carlo», na Costa Azul francesa. Audrey viu realizada assim uma das suas principais aspirações — trabalhar fora de Inglaterra — que lhe permitia alargar o seu campo



Audrey desempenhou-se, ainda em «Guerra e Paz», de uma espinhosa obrigação: montar a cavalo. Até neste pormenor ela patenteou uma vez mais a graça e desenvoltura que caracterizam todas as suas atitudes.



O convite para um novo filme satisfez o velho desejo de Audrey de trabalhar ao lado de Fred Astaire, o mago do sapateado e um dos seus ídolos de criança, quando aprendia «ballet». «Cinderela em Paris» mostrou-nos, assim, outro aspecto do incomensurável talento artístico da surpreendente actriz. Reparem nesta atitude de criança assustada...

de acção e demonstrar as suas possibilidades noutros idiomas, tanto mais que falava perfeitamente holandês, francês e inglês.

— Sinto-me perfeitamente à vontade para trabalhar fora de Londres — disse ela a sua mãe. — Tive uma educação cosmopolita e posso interpretar sem dificuldade obras de autores estrangeiros ou actuar sobre as ordens de outros realizadores.

Trabalhar em França era uma oportunidade, que representava um grande passo em frente na sua carreira artística. Audrey considerava também os benefícios que podia usufruir do clima da Riviera durante o tempo de filmagens ou de descanso. E ainda do acolhedor sol das praias da costa francesa.

«Iremos a Monte Carlo» teve uma carreira rápida, apesar de ser um filme alegre e divertido. Para Audrey Hepburn, porém, revestiu-se de importância tão significativa que pode dizer-se que a sua fama internacional encontrou então o seu ponto de partida.

Durante as filmagens, encontrava-se em Monte Carlo a célebre escritora francesa Colette, que a morte ceifaria anos depois. Quando, certo dia, a equipa do filme procedia à rodagem de uma cena na escadaria do Hotel de Paris, Colette apareceu no alto do terraço, interessada na contemplação dos operadores e artistas. O poder da grande romancista, levou-a a fixar a sua atenção em Audrey e, quando as filmagens terminaram, Colette fez-se conduzir, na sua cadeira de rodas, à presença da actriz.

Audrey ignorava que a anciã que se dirigia ao seu encontro era a mundialmente famosa escritora Colette, e quando esta declinou a sua identidade com naturalidade e singeleza, quase não pôde acreditar.

— Gostaria de representar em Nova Iorque a minha peça «Gigi»?

Ante a inesperada proposta, Audrey (a patinha feia recém-saída da casca) quase não dava crédito aos seus ouvidos. Representar «Gigi»!... E em Nova Iorque! Escolhida entre milhares pela própria Colette!

— Oh, sim! — respondeu Audrey.

A sua sorte estava jogada. Terminadas as filmagens de «Iremos a Monte Carlo», Audrey transferir-se-ia para os cenários da Broadway, interpretando «Gigi» em Nova Iorque.

Durante a sua estadia em Monte Carlo, Audrey viveu outro momento afortunado do destino, que motivou a sua fabulosa carreira.

O conhecido fotógrafo irlandês Edward Quenn estava ali tirando fotografias de reportagem para a Imprensa. Nunca tinha ouvido falar de Audrey Hepburn, mas certa tarde, quando se filmava uma cena de baile no Casino de Monte Carlo, a sua atenção ficou presa à jovem actriz que ensaiava com outras companheiras vários passos de baile num canto do salão. O conhecido fotógrafo, que focava diversos aspectos a torto e a direito, suspendeu o seu trabalho.

— Parece uma orquídea entre abrolhos — comentou a um amigo. É maravilhosa.

Quis saber quem era a jovem que atraíra a sua atenção e insistiu em ser-lhe apresentado. A sua surpresa não teve limites ao saber que Audrey, longe de ser a figura central do filme, interprtava ùnicamente um pequeno papel sem importância. Mas, fosse como fosse, não deixou de pedir a Audrey que lhe servisse de modelo para algumas fotografias artísticas.

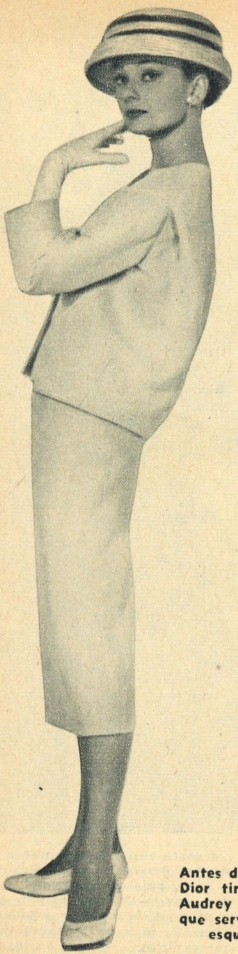
— Creio que posso aproveitar com excelentes resultados a sua fotogenia.

— Com muito gosto.

— Previno-a de que o meu carro é um calhambeque antidiluviano bastante incómodo...



...e nesta outra de diabinho à solta... Audrey parece ter sete fôlegos como o gato, pois no cenário das ruas e das «caves» de Paris comete as mais incríveis diabruras que se podem imaginar. De resto, esta imagem dispensa comentários... Não é verdade que Audrey parece assanhada?...





Eis novamente Audrey a contas com a elegância

— Não tem importância.

Quinn passou a ir buscar a deliciosa Audrey no seu antiquado «Renault» de antes da guerra. Certo dia, o ronceiro calhambeque parou em seco, a meio do caminho para uma pitoresca aldeia costeira.

O desolado Quinn apresentou toda a espécie de desculpas, mas Audrey não quis escutá-lo e, pelo contrário, ofereceu-se para o ajudar.

— Posso ser útil. Lamento deveras este contratempo.

— Sim, pode ser útil, se se sentar ali na beira do caminho, cantando algo divertido. Creio que não demorarei muito tempo a arranjar esta avaria.

Audrey conquistava todas as vontades com a sua simpatia e compreensão. Mostrou-se alegre e optimista até que a pequena avaria ficou reparada. Juntos fizeram diversas excursões pelos arredores de Monte Carlo, sem outros objectivos senão os profissionais. O êxito coroou o trabalho de Quinn, que obteve de Audrey uma colecção de fotografias que ainda hoje estão classificadas como as

Antes de morrer, o famoso costureiro Christian Dior tinha confeccionado especialmente para Audrey vários interessantes modelos, como este que serve, entre outras coisas, para nos fazer esquecer a careta da página anterior...



Fred Astaire confessou que Audrey Hepburn, a seu lado, punha num chinelo a Ginger Rogers de outros tempos...



O último filme de Audrey Hepburn é «Ariane», uma romântica e ligeira comédia que teve também Paris como cenário. Realizou-a Billy Wilder, o mesmo director de «Sabrina». Eis uma sugestiva expressão de Audrey numa cena do filme, em que Gary Cooper tem o principal papel masculino.

mais felizes de que dispõe a famosa actriz, pela graça e ingenuidade que respiram.

O fotógrafo tinha encontrado finalmente um modelo que correspondia a todas as suas aspirações artísticas; uma mulher que a uma beleza exótica unia a elegância, a graça e a inteligência, assim como a originalidade de expressões do seu rosto maleável.

Audrey, por seu lado, estava interessada em possuir uma boa colecção de fotos de propaganda para as poder enviar às agências que as solicitavam.

Posou em trajo de banho, em deliciosos modelos ligeiros, em atitudes de dança clássica...

Naquela época nasceu o primeiro amor de Audrey, na pessoa do bailarino francês Marcel Lebon. Encontraram-se numa festa e Marcel convidou-a para dançar:

— Não se aborrece por dançar comigo, Marcel?

— Mas como, santo Deus! Você dança como uma grande bailarina.

— Adulador! — comentou ela, irònicamente.

— Juro-lhe, Audrey... Não quero outro par no resto da vida. Você é como uma pluma.

— Danço como tantas outras.

— Ouça, Audrey — disse-lhe Marcel, algo emocionado. — Você não dança, porque voa como os anjos.

— Marcel! Se continua com adulações, terei que voltar para a minha mesa. Na verdade, não gosto que me falem assim!

— Ouça, Audrey — disse ele novamente. — Juro-lhe que não costumo ser adulador...

— Pois não parece.

— Penso que as minhas palavras expressam apenas a admiração que sinto por si. Juro-lhe, Audrey, que você está mais do que encantadora... E creio que estou a apaixonar-me por si a toda a velocidade.

— Trave, Marcel, trave antes que seja vítima de um desastre...

— Será difícil, Audrey. Acho-a demasiado formosa para esquecê-la... Não lhe agradaria passear comigo alguns momentos à beira do mar? Aqui o ambiente está sufocante, não lhe parece?

Deixaram de dançar e Marcel saíu de braço dado com Audrey. Naquela noite nasceu um romance de amor. Romance que não chegou a ser transcendente e se viu interrompido por uma reviravolta na vida de Audrey. Do outro lado do Atlântico, reclamavam a sua presença.

— Quinn — disse um dia pelo telefone a excitada vòzinha de Audrey. — Escreveram-me dos escritórios da Paramounth em Nova Iorque pedindo-me fotografias minhas... Vê algum inconveniente em restituir-me as que me tirou há dias?

Quinn aceitou, encantado, e a formosa colecção de fotos partiu em seguida a caminho de Nova Iorque. Poucos dias depois, Audrey recebia da Paramount uma proposta de contrato para assinar.

★

Terminadas as filmagens de «Iremos a Monte Carlo», Audrey regressou a Londres. Dispunha apenas de tempo para arranjar a bagagem e partir de novo, desta vez em busca da fortuna e da fama. Não era já a insignificante estrela cujo nome provocava indiferença às actrizes veteranas e consagradas, e que aceitava qualquer papel que lhe oferecessem na ânsia de poder provar as suas possibilidades. Levava no bolso dois contratos: da Paramount e de Colette. Agora o caminho da fama estendia-se luminosamente à sua frente.

A estreia de «Gigi», na Broadway, em 1953, obteve um triunfo clamoroso. A interpretação de Audrey foi comentada unânimemente pela Imprensa com frases elogiosas e que auguravam um triunfal futuro à jovem actriz.

Terminadas as representações de «Gigi», Audrey transferiu-se para Hollywood, onde iniciou logo a rodagem do seu primeiro filme para a Paramount: «Férias em Roma», com Gregory Peck como intérprete masculino. O clamoroso êxito

A cidade favorita de Audrey, especialmente quando setrata de gozar férias, é Paris... Não o Paris das «caves» e dos lugares pseudo-intelectualizados, mas o Paris das esplanadas à beira do Sena. Eis a actriz numa tarde estival em que saboreava, com um anónimo admirador, um copo de coca-cola...



alcançado por este filme colocou-a nos pináculos da fama e a Academia de Artes e Ciências de Hollywood concedeu-lhe o Óscar destinado à melhor actriz do ano.

Poucas actrizes alcançaram tão ampla celebridade com um só filme. Audrey colocou-se assim na galeria das actrizes excepcionais.

Eis como a ficha da Cinemateca Nacional, de Lisboa, descreve este filme:

«Uma princesa situada entre as razões de Estado e o amor de um jornalista. Uma comédia impecável, brilhante, desenvolta. Algumas sequências modelares: a recepção, a festa popular com a intromissão dos agentes da Polícia Secreta, o desfecho. Extraordinária interpretação de Audrey Hepburn».

Depois de «Férias em Roma», a actriz regressou a Londres para descansar uma breve temporada ao lado de sua mãe. O êxito que alcançara fora tão surpreendente, tão rápido e imprevisto, que ela própria não descortinava ainda todas as suas consequências.

Na capital inglesa, Audrey travou conhecimento com o jovem multimilionário inglês Jimmy Hanson.

Hanson julgou ter encontrado nela a mulher ideal que todos os homens procuram na vida. Para Audrey, este breve «flirt» foi um delicioso sonho. Mas a realidade impôs-se e despertou ambos para os problemas que os cercavam.

A mãe da actriz pôs-lhe a questão em toda a sua crueza.

— Tens de escolher entre a tua carreira e Hanson, minha filha.

— Como?

— Sim, Audrey. Julgas que se o teu «flirt» chegar a converter-se num grande amor, poderás conciliar a tua profissão com a vida caseira? Nem Jimmy nem a sua família permitiriam que vivêssem separados a maior parte do tempo... Não minha filha... Pensa que tens um con-

— Cumprirei o contrato e desposarei trato que deves cumprir.

Jimmy, se chegar a amá-lo como julgo que o amarei.

— Pensa bem, Audrey. Consulta os teus botões e decide. Ou ele ou a tua carreira.

Uma vez consultados os botões, Audrey escolheu o caminho de Hollywood.

Em 1954, interpretou «Sabrina» ao lado de William Holden e Humphrey Bogart. Transcrevemos de novo o comentário da ficha de Cinemateca Nacional:

«Sabrina» é uma comédia em que se invertem situações convencionais, é um autêntico «tour de force» na medida em que a simples direcção de actores consegue, por si só, ultrapassar dificuldades e descobrir forças insuspeitadas num «script» que não aparenta grandes possibilidades. Extraordinária interpretação de Audrey Hepburn».

Em seguida, a actriz partiu para a Broadway, para trabalhar numa nova peça teatral.

Durante os ensaios de «Ondina», começaram a circular em Hollywood rumores nada lisongeiros sobre Audrey.
a advertiu do que sucedia, escrevendo-lhe esta carta:
a advertiu do que sucedia.

«Querida Audrey: Os cronistas e repórteres lamentam-se de seres uma actriz inacessível e de, apesar de bela, não lhes concederes audiências ou entrevistas, obstaculizando assim o trabalho informativo dos jornais. Acusam-te de teres envaidecido com o teu êxito tão fàcilmente obtido».

Vezes sem conto, continuaram a aparecer na Imprensa as mesmas fotos de Audrey com as suas já famosas calças negras, o seu típico «jersey» de gola alta e os seus sapatos sem tacões. Porquê? Simplesmente porque a Imprensa não tinha outras fotografias para publicar, a despeito do seu interesse pela apresentação de retratos inéditos, fosse porque preço fosse.

A estreia de «Ondina» na Broadway foi um êxito também clamoroso. Actuava a seu lado o actor Mel Ferrer. As representações do teatro da rua 46 tinham todas as noite uma tabuleta junto da bilheteira: «lotação esgotada». Mas a verdade era que a saúde de Audrey se ressentia dessa longa temporada de fatigante trabalho, de intenso nervosismo e de grande responsabilidade. A sua cara pálida acusava um extremo esgotamento físico. Um amigo de Londres que a visitou, perguntou-lhe:

— Audrey, o que há nesta campanha de Imprensa, que te acusa de orgulhosa e intratável até ao extremo de te negares a receber os jornalistas?

Estavam no camarim de Audrey. Suspendida a maquilhagem, ela mostrou ao amigo a sua cara massacrada por sinais de um cansaço iniludível.

— Estou tão esgotada — respondeu simplesmente — que mal posso pensar no meu trabalho. A minha resistência não me permite metade do esforço que dispendo em cada representaçao. O médico recomendou-me sèriamente que evitasse no futuro todos os contactos com o público, fotografias de propaganda, entrevistas, vida social ou convites para aparecer em público, sob pena de me ver obrigada a entrar para um sanatório. Estou morta de cansaço! Que mais queria senão agradar a todos, mostrando-me amável em especial para as rapazes da Imprensa! Mas é-me impossível; completamente impossível.

A saúde de Audrey, com efeito, chegou a inspirar sérios cuidados aos seus amigos e ao seu médico. E também a Mel Ferrer, que começava a olhar a sua colega com outros olhos.

— Audrey — disse ele, no fim de um espectáculo. — Isto não pode continuar assim!

— Mas não estás contente com a minha actuação? — perguntou Audrey, assombrada.

— Não... Pelo contrário... Creio que trabalhas demasiado. Estás sacrificando a tua saúde, quando devias rescindir o contrato. Porque não deixas o teatro durante algum tempo?

— Falas a sério?

— Sim... A sério.

— Outra actriz virá substituir-me... Não, Mel... Continuarei a trabalhar. Creio que poderei resistir até ao final do contrato.

— Não julgues que te digo isto porque deseje outra companhia, mas sim pelo contrário. Creio que já não poderei trabalhar com outra mulher. Ouve-me, Audrey. Estou também certo de que...

— Que é, Mel?

— Que já não poderei viver sem ti! Habituei-me a amar-te como não se pode amar mais no mundo, Audrey. Diz-me: queres ser minha esposa?

— Mel, abraça-me E deixa-me chorar! Amo-te tanto!

Começaram a correr, desde logo, insistentes rumores de que Mel Ferrer estava enamorado da gentilíssima actriz. E, quando Audrey teve que partir para Hollywood, os boatos desse possível romance alargaram-se ràpidamente às colunas da imprensa.

Dos amores de Audrey com o conhecido bailarino francês Marcel Lebon e do seu outro romance com o aristocrata Jimmy Hanson, não se escreveu mais uma palavra. Todos os comentários incidiam agora sobre Audrey e Mel Ferrer.

Não obstante, a estrela partiu sòzinha para a Europa, depois de ter interpretado «Ondina». O seu médico tinha-lhe receitado um prolongado repouso na Suiça. De acordo com as prescrições médicas, ela comprou um «chalet» isolado e tranquilo, onde ninguém poderia descobri-la.

Ao tomar o carro que devia conduzi-la ao aeroporto de Idlenild, Audrey confessou a um amigo.

— Penso dormir horas e horas e horas... e não pensar em nada. Graças a

Deus, pude concluir o meu contrato sem sofrer qualquer recaída grave. Não creio que tivesse podido continuar a trabalhar por mais tempo. Já não me restavam forças.

Quando o avião chegou à Suiça, Mel Ferrer aguardava-a com os olhos brilhantes de ansiedade e amor.

Entretanto, os jornais de todo o mundo anunciavam o casamento, pormenorizando as circunstâncias em que tinha nascido.

Sabia-se, no entanto, que a mãe de Audrey, a baronesa Van Henstra não aprovava absolutamente os projectos da filha. Mais ainda: opunha-se terminantemente com todos os argumentos ao seu alcance. Falou-se mesmo numa ruptura de relações entre mãe e filha, uma vez que ambas possuíam, em larga medida, carácter e espírito de tenacidade nas suas convições.

Na realidade, mãe e filha discutiam largamente. A baronesa argumentou a sua tenaz oposição, observando:

— Vais dar um grande passo na tua vida, minha filha... Pensa que Mel já esteve três vezes casado e que tem filhos de otdos os matrimónios.

— Sei isso, mamã... Mas também sei que me ama...

— Audrey — insistiu a mãe — Esqueces-te de tenho vivido, melhor, temos vivido, a triste experiência de um casamento fracassado. Não queria que a minha filha experimentasse o sofrimento dum mesmo calvário.

— Não insistas, mamã... Sei o que me convém. Agora defenderei a minha felicidade a todo o custo e seguirei os ditames do meu coração.

Pouco depois celebravam-se as bodas do casamento. Os jornalistas perguntaram a Audrey se não passaria a ser ainda mais inacessível. Ela sorriu e deu todas as explicações acerca do seu silêncio. Agora era feliz e a saúde voltaria a dar-lhe alegria e espírito comunicativo.

Mel Ferrer, actor, escritor, director teatral e diplomata hábil, era uma valiosa ajuda e um eficaz apoio. A jovem actriz não tardou a separar-se do seu agente teatral e a pôr nas mãos do marido todos os seus assuntos.

A chegada, meses depois, do jovem casal a Londres foi um grande acontecimento. A sucursal da Paramount, para facilitar a missão dos jornalistas, organizou uma conferência de imprensa no Hotel Dorchester. Os jornalistas tiveram então oportunidade de se desforrarem do longo silêncio a que Audrey os condenara. Submeteram-na a toda a classe de perguntas.

— É feliz no seu matrimónio?

— Muito feliz.

— Pensa trabalhar sempre ao lado de seu marido? Consta que tencionam formar uma companhia teatral, no género da de Laurence Olivier e Vivien Leigh.

— Gostaríamos de realizar juntos, em Londres, a versão cinematográfica de «Ondina». Depois, veremos.

— Renunciaria à sua carreira se tivesse que se dedicar exclusivamente a seu marido, a seus filhos e ao seu lar?

— É difícil responder, mas não creio que me veja abandonada a desistir da minha carreira.

Com efeito, o casamento de Audrey Hephurn e Mel Ferrer é um dos exemplos mais consoladores oferecidos ao mundo pelos artistas de cinema na sua vida real. Ninguém duvida hoje da sua felicidade, da sua perfeita compreensão mútua.

— Que sensação lhe produz ser artista famosa? — perguntou-lhe um reporter.

— Sinto-me uma nova Cinderela — respondeu ela, sorrindo.

Audrey é, na realidade, uma Cinderela que caminha na vida ao lado de um Príncipe Azul, formando um par ao qual os seus milhões de admiradores prognostizam um final feliz, como nos contos de fadas: «E viveram felizes o resto da sua vida...»

PREÇO 2$00







N. 13